

## POR UMA VIDEOTECA ESCOLAR NO ENSINO DE ARTE

Luciano Dantas Bugarin <sup>1</sup>

### RESUMO

Defende-se, neste trabalho, a adoção de uma pedagogia do cinema no ensino de arte na Educação Básica, que seja associada de maneira adequada ao projeto político-pedagógico da escola. Almeja-se que o cinema seja institucionalizado como parte do currículo e meio de ensino e aprendizado. Uma pedagogia do cinema se divide em duas partes: a apreciação fílmica e a criação cinematográfica. Este trabalho é focado na primeira parte da fruição de filmes de forma didática. Desta maneira, propõe-se a elaboração de uma videoteca escolar como crucial para oferecer a oportunidade dos alunos poderem construir uma cultura cinematográfica e uma percepção sensível acerca da importância da arte do cinema. A multiplicidade de filmes em relação ao gênero, país de origem, trama e época realizada oferece uma ampla oferta de vivências e estímulos ao imaginário criativo. Esses filmes sugeridos, logicamente, podem estar disponíveis para que os alunos os assistam em sua totalidade ou sejam utilizados por professores de diversas disciplinas por motivos pedagógicos que estejam (ou não) discriminados neste projeto. Coloca-se, também, para o aluno a importância de seu papel participativo em seu próprio processo de aprendizado, pois deixá-lo livre para poder ver ou rever os títulos abordados em sala de aula quando e da forma como queira é uma maneira de dar crédito à sua capacidade em desenvolver sensibilidades e percepções próprias de gosto pelo novo e diferente. Desta forma, sem imposição, o aluno pode sentir-se estimulado a escolher suas preferências e não ser condenado por elas.

**Palavras-chave:** Pedagogia do cinema, Ensino de arte, Videoteca escolar, Percepção sensível, Processo de aprendizado.

### INTRODUÇÃO

A escola tem o potencial de ofertar aos alunos a oportunidade de estar em contato com uma ampla gama de culturas, linguagens e identidades plurais, porém observa-se nela uma existência predominante de uma pedagogia tradicional que acaba por alicerçar um currículo excludente que perpetua práticas pedagógicas as quais privilegiam uma homogeneização das diferenças. O processo de aprendizagem se resume a um ensino conteudista que não assimila as culturas, vivências e saberes dos alunos (MOREIRA; CANDAU, 2003).

Aponta-se que o ensino de arte mostra-se essencial no currículo da Educação Básica, pois possibilita que o aluno assimile, entenda e viva os mesmos processos criativos e de construção imagética de artistas, de modo que ele possa, por meio do fazer artístico, produzir o seu próprio aprendizado a partir de suas vivências e influências (BARBOSA, 2005). “A etapa do fazer artístico é o momento apropriado para trabalhar as diferenças na sala de aula, pois ela

---

<sup>1</sup> Professor de Artes Plásticas da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro (RJ), Mestre em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense (UFF-RJ), [lucianodantas@id.uff.br](mailto:lucianodantas@id.uff.br);

possibilita que o docente dê atenção a determinadas especificidades individuais de cada aluno” (BUGARIN; MARTINS, 2021, p. 39).

Embora, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de arte ressaltem a importância do cinema como uma linguagem artística pertencente ao conteúdo curricular da disciplina (BRASIL, 2001), percebe-se que, normalmente, se dá pouca ênfase à linguagem audiovisual na arte-educação. Associa-se este fato à atual conjuntura da necessidade das escolas absorverem mais em suas práticas de ensino-aprendizagem o uso de tecnologias midiáticas emergentes e, também à concepção de que o universo imagético e cultural do aluno está ligado ao seu cotidiano, inclusive nos momentos em que este se entretém, e a partir daí, defende-se a implementação de uma pedagogia do cinema para o ensino de arte.

O cinema apresenta-se como uma linguagem artística ideal por unir, mais do que qualquer outra, a crítica e a fruição no espectador (BENJAMIN, 1985), de forma que exibir um filme em sala de aula, com fins didáticos, transforma um evento de entretenimento em uma forma de aprendizado e de pensamento (MICHAUD, 2013).

Um filme permite que a contemplação, análise e leitura de uma obra de arte ocorram de forma mais significativa por conter um aspecto de lazer (BENJAMIN, 1985). A escola é um espaço de ensino baseado na comunicação, cuja atual modernidade implica na demanda pelos discentes do uso de mídias audiovisuais e tecnológicas no processo de aprendizado (FERNANDES, 2015). Se a criança não desenvolve afeição pelo objeto de estudo, dificilmente ela se interessará (DEWEY, 1965).

Apointa-se que esta proposta foi apresentada e defendida em uma dissertação de Mestrado em Cinema e Audiovisual no Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual (PPGCine) da Universidade Federal Fluminense (UFF) e que este trabalho visa como desdobramento futuro da dissertação, o desenvolvimento de um produto educacional que almeja a institucionalização do cinema como meio de ensino artístico, “a fim de ser adotado por escolas e redes de ensino da Educação Básica como metodologia de ensino e prática artística” (BUGARIN, 2022, p. 20). Objetiva-se, deste modo, incentivar e orientar docentes no uso do audiovisual no ensino de arte e na implementação de uma videoteca escolar.

Defende-se, então, uma pedagogia audiovisual no ensino de arte que visa desenvolver uma percepção crítica e uma imaginação criativa no aluno a partir da apreciação fílmica e da prática cinematográfica. Almeja-se seu comprometimento numa criação coletiva e a possibilidade de um aprendizado inovador.

Oportunizar aos alunos expandirem seus horizontes pelo contato com uma diversidade de filmes, representa para o ensino artístico a viabilidade de uma articulação de aspectos culturais à formação do indivíduo mediante uma imensurável assimilação de aspectos significativos para a formação de um imaginário pessoal e sensível (CANDAU, 2011). Cria-se não apenas o entusiasmo na apreciação de diferentes filmes, mas também fomenta-se o potencial criativo. Assim como o contato com pinturas não é suficiente para desenvolver uma percepção artística, sem uma vivência do processo criativo e a crítica estética, a pedagogia audiovisual será incompleta sem uma apreciação fílmica.

Objetiva-se proporcionar aos alunos o contato com linguagens cinematográficas reflexivas, artísticas e de significado cultural em prol do desenvolvimento de suas percepções sensíveis, artísticas, críticas e sociais. Observa-se, inclusive, que o estabelecimento do cinema como uma disciplina da grade da Educação Básica já é uma realidade em fase inicial de implementação e evolução, visto que já existe, por exemplo, o curso de Licenciatura em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense (UFF), cujos egressos estão aptos a lecionar em disciplinas de arte (BRASIL, 2019) e também na disciplina de audiovisual (LICENCIATURA EM CINEMA E AUDIOVISUAL-UFF, 2018), como, por exemplo, o Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) onde há na grade curricular, esta referida disciplina, cuja professora Liana Lobo, formou-se pelo curso da UFF.

Que sentido faria uma educação musical que consistisse em levar os alunos ao concerto três vezes por ano sem lhes dar acesso ao disco? Ou uma educação em artes plásticas que se limitasse às visitas de museu, sem a possibilidade de retrabalhar em aula com reproduções de quadros? Nenhuma política séria do cinema na escola teria chance de ser eficaz sem que os filmes estejam permanentemente presentes na escola, como os livros e os discos (BERGALA, 2008, p. 101).

Sustenta-se, então, a implementação de uma videoteca escolar no ensino de arte, de forma integrada a um futuro produto educacional de uma pedagogia audiovisual. Objetiva-se que a adoção deste material possa oferecer, além de um aprendizado artístico através do cinema, uma oportunidade para os “alunos terem contato com uma cultura diversificada. Afinal, a escola que almeja um ensino reflexivo e diversificado necessita oferecer oportunidades para que o aluno forme sua identidade a partir de referências culturais intrínsecas à sua personalidade” (BUGARIN, 2022, p. 149).

## PEDAGOGIA DA APRECIÇÃO FÍLMICA

O que torna um filme relevante? Estar atualizado com os acontecimentos contemporâneos à época da sua realização ou estar à frente destes acontecimentos? Pode-se pensar que a utilização de diferentes filmes oferece a possibilidade de que os alunos possam ponderar acerca da pertinência dos temas abordados em um filme, ou da forma como são abordados. O uso de filmes de diversas épocas na aula de arte pode contribuir para o desenvolvimento da noção de distanciamento temporal nos alunos com o reforço por exemplo da disciplina de história. Este conceito pode enriquecer a percepção crítica deles. A pluralidade de obras fílmicas contribui para uma conexão atemporal entre elas, resultante da contemplação orgânica de influências de meios de artes distintas ao longo da história, formando assim o que conhecemos como cultura.

O acesso livre aos filmes, pelo aluno, visa desenvolver um gosto por assisti-los. Cria-se não apenas o entusiasmo por apreciar diferentes filmes, mas também fomenta-se o potencial criativo. Uma pedagogia do cinema será incompleta sem uma apreciação que estimule uma cinefilia a partir de uma videoteca escolar. A etapa da criação artística/audiovisual será completa apenas se estiver diretamente ligada a estes momentos de fruição dos filmes, de forma que ambas estarão num ciclo de mútua incitação. “A prática sozinha tem se mostrado impotente para formar o apreciador e fruidor de arte” (BARBOSA, 2005, p. 41)

Para apreciar um quadro, é preciso ser um pintor em potencial, senão não se pode apreciá-lo; e na realidade, para gostar de um filme é preciso ser um cineasta em potencial; é preciso dizer: mas eu teria feito deste ou daquele jeito; é preciso fazer seus próprios filmes, talvez apenas na imaginação, mas é preciso fazê-los (...) (RENOIR *apud* BERGALA, 2008).

Assistir a um filme na escola possibilita uma percepção mais clara e significativa acerca de diferentes vivências e culturas. Os alunos podem assimilar conhecimentos por meio de uma produção de sentido proveniente de uma espetatorialidade fílmica já presente no cotidiano deles, mas de uma forma mais lúdica.

Relaciona-se a prática da apreciação fílmica com o processo criativo livre de amarras objetivas da realidade. Muitas vezes quando passamos um filme para crianças, algumas têm dificuldade em apreciá-lo com uma “suspensão de descrença”, pois volta e meia dizem a frase “Nossa, que mentira!” ao ver algo que eles consideram ser impossível de acontecer na realidade. Isso pode ocorrer, inclusive, com os filmes de animação, em que teoricamente tudo é possível.

“O espectador que assiste alguma coisa na tela tem dificuldade de imaginar que poderia ver algo diferente no lugar daquilo que vê, e que se impõe a ele com a evidência das coisas do mundo, mesmo que saiba que se trata de uma encenação, de uma transformação do real” (BERGALA, *Ibid.*, p. 130).

Defende-se, também, que o contato com os filmes pelos alunos, quando eles quiserem, possibilita múltiplas interpretações. Assim como uma pintura oferece diferentes perspectivas de leitura a partir das experiências e sentimentos de seu espectador, ver um filme também abre um leque de diversas análises e significados.

## VIDEOTECA ESCOLAR

Atualmente vive-se mais um momento de mudança na forma como o público em geral consome audiovisual, dentro de uma série que vem ocorrendo desde os primórdios do cinema. O consumo de filmes em DVD está sendo substituído pela forma *on-line* através do *streaming*<sup>2</sup>, que possibilita que os títulos possam ser assistidos em qualquer lugar e a qualquer hora. Em uma sociedade cada vez mais apressada onde existe uma oferta cada vez mais crescente de informações e entretenimento de consumo rápido, as pessoas dispõem, progressivamente, de menos tempo e paciência para parar em casa ou em um cinema para consumir um filme por volta de duas horas e não acessar outras fontes midiáticas simultaneamente.

Assistir aos episódios de uma série ou a um filme no metrô, no ônibus, no caminho da escola, no tempo vago de uma aula, no recreio e em qualquer lugar enquanto se espera por algo ou realiza outra tarefa em um dispositivo móvel já é a realidade de muitos jovens. A contínua exposição aos meios de comunicação audiovisual, seja em que forma for, contribui para que os indivíduos em uma determinada sociedade sejam continuamente afetados por estímulos externos que podem moldar suas personalidades socioculturais. É possível pensar a cultura e a “construção das subjetividades do indivíduo como um processo contínuo e em constante movimento (...) que tenta acompanhar a velocidade com que as informações são disponibilizadas pelos mecanismos midiáticos” (SILVA, 2016, p. 14).

Desta forma, defende-se a importância da escola em proporcionar esse contato com uma

---

<sup>2</sup> Serviços que utilizam a tecnologia de envio de informações de multimídia, por meio de uma transferência contínua de dados, através da internet. Os dados são armazenados no dispositivo do usuário de forma temporária, ou seja, sem ocupar espaço em sua memória. O termo em inglês significa córrego ou riacho, ou seja, seria uma alusão a um fluxo, pelo serviço se caracterizar como um fluxo de dados do fornecedor do serviço para o usuário.

cultura cinematográfica através de uma videoteca. Embora, atualmente, a internet ofereça possibilidades, antes apenas viáveis na exibição de um DVD, como por exemplo ver e rever algumas cenas, como em alguns canais do *YouTube* que disponibilizam cenas de filmes. No entanto, nota-se que muitos destes não apresentam legendas ou dublagem no idioma português, além da escolha das cenas já ser predefinida, o que tira do alunos a possibilidade de poder escolher suas cenas favoritas.

Cita-se, também, a possibilidade que o DVD apresenta, onde o professor pode “apresentar aos alunos cenas excluídas, tomadas alternativas de cenas dos filmes, erros de gravação e cenas de *making of*<sup>3</sup>. Elas podem contribuir para que os alunos possam ponderar sobre a questão do ponto de vista e sua importância para a narrativa de um filme” (BUGARIN, 2022, p. 150).

O acesso à videoteca deve respeitar as classificações indicativas de faixas etárias e pode funcionar em esquema de cineclubes organizados pelos alunos e através de empréstimos, como uma sala de leitura. Os filmes podem ser utilizados por eles de forma particular, independente de alguma orientação dos professores ou relacionados a alguma atividade escolar. De qualquer forma, os alunos estarão coletando referências imagéticas e sonoras que enriquecerão sua bagagem cultural de imagens de forma construtiva para a formação de suas percepções (LABORDE, 2015).

A ampla oferta de títulos faz com que os alunos não identifiquem a videoteca como uma imposição didática, como, ocorre, por exemplo, com a adoção de livros na aula de literatura. Ao ler um livro para o bimestre, a relação dos alunos com aquela obra não consegue escapar muito da noção de tarefa obrigatória, embora exceções possam ocorrer. Defende-se, também, a importância da oferta de filmes brasileiros, em prol “da tarefa de lutar (...) por nossa sobrevivência cultural” (BARBOSA, 2015, p. 42).

Pode-se dizer que pautar os ensinamentos de cinema em produções nacionais consiste no fortalecimento da cultura brasileira, pois dá-se ao espectador a oportunidade de aprender um Brasil diferente daquele que se é apresentado constantemente pela mídia, imprensa e demais meios de informação. Permite-se então, conhecer o país, sua história e seus modos de vida a partir do ponto de vista fílmico e em seguida, construir o seu próprio olhar para a realidade hoje enfrentada, rompendo com o legado de uma visão sistemática (NICÁCIO, 2012, p. 6).

---

<sup>3</sup> *Making of* é um documentário com registro dos bastidores dos processos de produção de um filme. Normalmente centrado nas filmagens. O termo vem da língua inglesa: “*the making of*”, e traduz-se literalmente como “a feitura de”, ou seja, o processo de fazer algo.

Com uma ampla oferta de títulos nacionais, que acompanhará o desenvolvimento dos alunos e que estará disponível fora do horário escolar, ou seja, sem o descrédito da obrigatoriedade implícita, facilita-se o vínculo do aluno com os filmes, suscitando uma conexão de admiração e de envolvimento pessoal com determinadas obras, conforme a personalidade e o perfil de cada um. Acredita-se que a videoteca vá produzir, dessa forma, excelentes frutos. Por meio do contato com esses filmes, os alunos podem assimilar que tais manifestações artísticas e culturais integram a formação de uma identidade nacional.

Por fim, ressalta-se a importância dos filmes que contêm diálogos terem dublagem na língua portuguesa, especialmente para os mais jovens que ainda estão aprendendo a ler, e outros que possam encontrar alguma dificuldade neste sentido. Entretanto, é também importante que os alunos sejam estimulados, aos poucos, dentro de suas possibilidades, a assistir às versões legendadas, a fim de aprimorar a leitura dinâmica e a prática de outro idioma (no caso de o idioma original do filme for algum que é ensinado na escola).

## **METODOLOGIA**

O tema deste trabalho derivou de pesquisas que foram realizadas para um projeto de dissertação de Mestrado, iniciado em 2019 e finalizado em 2022 (BUGARIN, 2022), que por sua parte principiou-se a partir da busca por práticas pedagógicas inovadoras com base no uso de uma pedagogia do cinema em aulas de arte, que iniciaram-se em 2008, em aulas ministradas pelo pesquisador, e que foram objetos de análise pela primeira vez em um trabalho em 2019 (*Id.*, 2020.)

Adotou-se, desta maneira, o método autobiográfico em vista a investigar o tema de forma reflexiva a partir de experiências vividas pelo autor, mediante sua posição de protagonista em práticas pedagógicas passadas, presentes e futuras e desdobramentos que este trabalho propõe.

Desenvolveu-se também uma pesquisa bibliográfica de estudos e discussões do tema de uma pedagogia do cinema no contexto escolar e da arte-educação. A pesquisa utilizou-se de duas fontes: bibliográfica (impressa e eletrônica) e documental. Buscou-se estudos em plataformas acadêmicas como o Google Acadêmico, e também nas plataformas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ressalta-se que a relevância da proposta de uma videoteca escolar reside no fato de que se a instituição não propiciar esta oportunidade ao aluno, durante o tempo escolar, ela será capaz de nunca acontecer fora deste ambiente. Ignorar os benefícios proporcionados pelo contato dos alunos com o cinema é privar a educação de uma potencial renovação nos seus modos de ensino e da possibilidade de encarar a cultura de massa e o entretenimento, como inerentes à estruturação do aprendizado dos jovens.

Deseja-se que “essa presença na escola possa oferecer à criança e ao adolescente, de uma maneira geral, acesso a uma cultura audiovisual e cinematográfica pautada em valores éticos e estéticos que promovam maior integração e identificação social” (NOVA; REIS; FRIGOTTO, 2015, p. 11-12).

A (...) razão imprescindível a favor de uma coleção de filmes na escola concerne à progressiva concentração das salas de cinema no território nacional, que cria zonas desérticas em que um número crescente de crianças não têm acesso a cinema algum na sua proximidade. Além disso, se tais crianças ocasionalmente vão ver um filme com os pais no *multiplex* ao lado do supermercado das “grandes compras” dos sábados, existem poucas chances de que elas encontrem *Onde fica a casa do meu amigo?*<sup>4</sup> ou *Os incompreendidos*<sup>5</sup> (BERGALA, 2008, p. 101).

Enfatiza-se também como a videoteca pode atuar como mais um espaço diferenciado de ensino dentro do ambiente escolar. A forma como os alunos encaram e percebem abordagens e experiências pedagógicas, em locais que diferem da dinâmica da sala de aula, pode oferecer novas possibilidades tanto para os alunos quanto para os professores. Os modos de enfoque e percepção sobre conteúdos escolares podem ser enriquecidos (MCLUHAN; HUTCHON; MCLUHAN, 1977).

Enquanto a escola continuar reproduzindo uma visão monocultural e basear-se em uma hierarquia de conhecimento, ela estará contribuindo para um distanciamento dos alunos do aprendizado. A escola que não busca absorver a diversidade de culturas e insiste em uma homogeneidade, ao invés de valorizar as diferenças, perde a oportunidade de abrir espaço para um currículo que valoriza as individualidades, percepções, memórias e vivências dos alunos (BUGARIN; MARTINS; VIOLIM, 2021, p. 146).

---

<sup>4</sup> “*Onde fica a casa do meu amigo?*” (“*Khane-ye doust kodjast?*”) (1987), de Abbas Kiarostami.

<sup>5</sup> “*Os incompreendidos*” (“*Les quatre cents coups*”) (1959), de François Truffaut.

O contato com produções culturais distintas, inclusive as que levam o aluno a perceber-se fora de seu lugar-comum, a partir de um estranhamento, é que pode contribuir para que o mesmo possa ampliar seu repertório imagético e obter maior compreensão de como ressignificar-se como um sujeito cultural e social. “A experiência, nesse sentido, não pressupõe indivíduos prontos ou sujeitos estáveis antes dela própria, tornando-se, a experiência, o meio e o fim” (MIGLIORIN, 2015, p. 51).

A partir do contato com imagens produzidas por diversas culturas, o sujeito vai formando seu próprio repertório cultural, assimilando e ressignificando a imagem à sua vivência e compreendendo os modos de vida, expressão e condições sociais de outras organizações populacionais (SILVA, 2016, p. 20).

A familiaridade e costume da apreciação cinéfila auxilia a efetividade de uma pedagogia do cinema através da emancipação do aluno na busca de um entendimento de seu próprio processo de aprendizado. A videoteca “deve se apresentar sob a forma de um objeto não intimidador, de acesso fácil e permanente no próprio âmbito escolar” (BERGALA, 2008, p. 94).

Trabalhar conceitos de diversidade de forma lúdica como no uso de uma pedagogia do cinema, e que se associe aos conteúdos escolares é extremamente importante para que os alunos consigam entender que conhecer, respeitar e conviver com a diversidade é algo necessário a uma formação cidadã (BUGARIN, 2021, p. 27).

O tempo necessário para que um aluno possa ter a oportunidade e a vontade de se expor a um grande número de propostas audiovisuais diversas depende de vários fatores internos, como a predominância de seu interesse por algum gênero ou tema específicos; e externos a ele, como uma adequação indicada pelo material pedagógico de acordo com a série escolar e a idade do aluno e o desenvolvimento didático do projeto ao longo de sua escolarização (BERGALA, 2008).

Em conclusão, aponta-se que o acervo da videoteca escolar pode ser composto também pelas produções audiovisuais realizadas pelos alunos na etapa da pedagogia da criação cinematográfica, onde a realização fílmica é proposta como o eixo norteador do fazer artístico na aula de arte. Desta forma, outros alunos terão contato com a produção cinematográfica escolar de turmas anteriores, de forma que a pedagogia do cinema funcionará como um processo imensurável e não fechado em si com múltiplas possibilidades (BUGARIN, 2022).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema produz no espectador um sentido baseado na relação de suas demandas e interesses culturais tornando o ato da fruição de uma obra fílmica uma experiência estética bastante significativa. A exibição de um filme como meio de abordagem da apreciação artística em aulas de arte pode contribuir para o desenvolvimento mais engajado e aprofundado de percepções sensoriais em relação a um mundo de imagens no qual vivemos.

A diversidade de títulos ofertados por uma videoteca escolar é fundamental para expor aos alunos o respeito e reconhecimento pela multiplicidade de gostos que se encontram em uma única turma. Como jovens em formação, este gosto pode ser construído baseado em julgamentos próprios que só poderão ser completos, se eles forem expostos a todo tipo de diversidade audiovisual, possibilitando, assim, que cada aluno construa seu próprio gosto ou repertório imagético pessoal.

Não se trata de impor uma cultura cinematográfica em detrimento de um gosto fílmico já possivelmente presentes nos alunos, mas de apresentar de maneira instigadora a oportunidade de ter contato com novas formas narrativas e encarar uma mídia cultural mais diversificada e significativa em seus propósitos e temas. Os alunos podem ter liberdade para assistir às partes favoritas dos filmes, ou assistir a uma obra como fonte de pesquisa baseada em assuntos abordados e que podem ser relevantes para outras disciplinas. Filmes são fontes de conhecimento cultural e conhecimento curricular.

A apreciação fílmica em sala de aula deve se dar como uma troca de visões entre professores e alunos, acerca das leituras visuais dos filmes. Esse processo pedagógico possibilita o compartilhamento de vivências através de julgamentos estéticos e interpretações pessoais de significados culturais que podem levar os alunos a compreenderem melhor suas próprias formas de aprendizado.

Ao utilizar-se desses filmes, é possível ampliar e evidenciar o potencial interdisciplinar e pedagógico que o audiovisual possui ao partir de um tema e alcançar diversas discussões e reflexões a respeito do que cada um pode sentir e absorver durante a exibição de uma obra fílmica.

Aponta-se que o conceito de videoteca escolar, apresentado neste trabalho, não é habitual na realidade da educação pública brasileira. O formato mais comum é o de um acervo com filmes, que são escolhidos e apresentados pelos professores aos alunos, apenas quando lhes convém, como para suprir um tempo vago ou realizar uma “sessão pipoca”.

Atualmente, o pesquisador está apresentando esta proposta da videoteca escolar para a direção da escola em que leciona, a fim de aplicar na prática o tema deste trabalho, e a partir daí, realizar análises e estudos futuros que visem fortalecer e estabelecer o projeto do produto educacional que almeja-se como desdobramento desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

\_\_\_\_\_. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

BENJAMIN, W. A Obra de arte na era da sua reprodução técnica. In: GEADA, E. (org.). **Estéticas de Cinema**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1985.

BERGALA, A. **A hipótese-cinema - Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: Booklink/CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação, Câmara de Educação Básica. **Resposta à consulta sobre elegibilidade para atuar no Componente ARTE-BNCC**. Brasília: Ministério da Educação, 2019.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: Ministério da Educação, 2001.

BUGARIN, L. D. **Abordagem pentagonal: uma proposta de pedagogia para o ensino de artes plásticas - do cinema narrativo à realidade virtual**. Dissertação (Mestrado em Cinema e Audiovisual). Instituto De Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

\_\_\_\_\_. **Cinema como linguagem pedagógica: a prática audiovisual como meio de socialização e combate ao bullying e discriminação na escola**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em *Bullying*, Violência, Preconceito e Discriminação na Escola). Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2021.

\_\_\_\_\_. Práticas cinematográficas na sala de aula - uma abordagem midiática e interdisciplinar da cultura na educação. In: CASTRO, P. A. **Avaliação: Processos e Políticas - volume 03**. Campina Grande: Realize Editora, 2020.

BUGARIN, L. D.; MARTINS, I. M. A prática cinematográfica como fazer artístico - Cinema e *Abordagem Triangular* na aula de arte. **Trajeto Errático - Revista de educação audiovisual**, Niterói, n. 1, p. 36-46, jan. 2021.

BUGARIN, L. D.; MARTINS, I. M.; VIOLIM, F. C. R. Pedagogia do cinema na escola: a prática audiovisual como construção social e de ensino. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté, v. 14, n. 2, p. 139-149, mar./jul. 2021.



CANDAU, V. M. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo Sem Fronteiras**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 240-255, jul./dez. 2011.

DEWEY, J. **Vida e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

FERNANDES, A. H. O cinema e o audiovisual na educação: reflexões de pesquisas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 8, nº 16, mai./ago. 2015.

LABORDE, B. Enseigner le cinéma et l’audiovisuel : les leçons de l’enseignement technique. **Mise Au Point**, Lyon, v. 7, n. 1, p. 1-21, jun. 2015.

LICENCIATURA EM CINEMA E AUDIOVISUAL-UFF. **Projeto pedagógico de curso de Licenciatura em Cinema e Audiovisual**. Niterói: IACS, 2018.

MCLUHAN, M.; HUTCHON, K.; MCLUHAN, E. **City as classroom - Understanding language and media**. Toronto: The Book Society of Canada Ltd., 1977.

MIGLIORIN, C. **Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2015.

MICHAUD, P. **Aby Warburg e as imagens em movimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n.23, p.156-168, ago. 2003.

NICÁCIO, G. **Cinema e educação: novos planos para a aprendizagem**. In: III Encontro Baiano de Estudos em Cultura - III EBE CULT, Cachoeira, 2012.

NOVA, J. L. L.; REIS, R. R.; FRIGOTTO, E. A Licenciatura em Cinema na Universidade Federal Fluminense. **Movimento - Revista de educação**. Niterói, n. II, p. 1-14, 2015.

SILVA, J. G. **Professores de arte: formações e experiências com o audiovisual**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.